

JAZZ

5 MARÇO 2015

CICLO "JAZZ +351"

COMISSÁRIO: PEDRO COSTA

JOEL SILVA

Geyser

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Bateria Joel Silva

Piano João Paulo Esteves da Silva

Trompete João Moreira

Contrabaixo António Quintino

Qui 5 de março

21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h · M6

Uma nova atitude

Um baterista desenvolve, habitualmente, funções de *sideman*, mas há cada vez mais casos – no nosso país começando pelo, notável, de João Lencastre – em que surge como líder das suas próprias formações. Regra geral, sem que na execução propriamente dita adote papéis diferentes do habitual. O seu meio de liderança é a composição, que não o instrumento. Mas aqui é que as questões se colocam: compõe a partir da bateria ou transcende esta e pensa a escrita em termos de grupo ou da música no seu todo?

No caso de Joel Silva, baterista que se revela como compositor e chefe de banda com o projeto *Geyser*, tudo aconteceu de forma natural e logo desde o início da sua atividade. E isso muito embora as suas partituras sejam concebidas com um piano e não segurando as baquetas diante de um *setup* de peles e pratos. Na verdade, é o que frequentemente acontece nestas circunstâncias, e mesmo quando uma guitarra toma o lugar de um teclado. «Sempre compus. A maior parte das minhas composições surgiram espontaneamente numa altura em que tinha vontade de gravar. Nunca fiz questão de ser líder de um grupo, mas queria muito ouvir os meus temas tocados e vê-los ganhar vida. Componho de forma intuitiva. Se tiver um piano por perto, quando me surge uma ideia tento desenvolvê-la. O piano é, sem dúvida, o meu instrumento de eleição para compor», revela o músico.

Esta mudança de foco para um instrumento harmónico explica o facto de a

música de *Geyser* privilegiar a harmonia e, muito especialmente, a melodia. Um baterista não tem, necessariamente, de criar uma música mais rítmica e percussiva. É até de esperar o contrário, pois a pauta permite-lhe cobrir zonas a que não tem acesso com a bateria, possibilitando uma mais ampla intervenção. Um sentir-se «preenchido», para utilizar uma palavra de Joel Silva.

Ou seja, no jazz um baterista escreve geralmente do “ponto de vista” de um piano (ou de uma guitarra) e não enquanto baterista. Com Joel Silva, e com *Geyser*, este ponto de vista pianístico tem até uma relevância particular. Uma relevância que ilumina a escolha de João Paulo Esteves da Silva – o incontestado melhor pianista do jazz nacional – para manejar as teclas brancas e negras e a especial presença que a máquina inventada por Cristofori tem nas peças do álbum *Geyser*.

Qual é, então, a importância de “ter” João Paulo, para glosar o título de uma comédia de Oscar Wilde (*The Importance of Being Earnest*)? A resposta não podia ser outra: «O meu disco vive muito do piano e ter o João Paulo a tocar as minhas peças é maravilhoso. Ele eleva a música a outro patamar, além de que é uma excelente pessoa.» O curioso é que se trata do único veterano (João Moreira tem igualmente um longo percurso, mas é mais jovem) numa banda que seleciona músicos da nova geração de jazzistas portugueses: «Eu tinha bem presente a sonoridade que queria para o CD, pensei nos músicos ideais para tal e a escolha foi simples», acrescenta Joel Silva.

Entre os instrumentistas de *Geyser* estão dois trompetistas, o acima mencionado João Moreira e Diogo Duque, um valor em aplaudida ascensão. Só o primeiro toca neste concerto de apresentação, mas estão bem claros no disco os motivos que levaram Joel a chamá-los a ambos: «Têm boas e diferentes coisas para dar à música, e se optei pelo João para o *gíg* da Culturgest é apenas porque foi nele que primeiro pensei em termos de som para realizar esta música.» E que “som” é esse, perguntarão? Ouvindo a obra, quase não seria necessário responder: Moreira tem como marca pessoal um registo eletroacústico (trompete processado em tempo real) que é amplamente aproveitado por Joel Silva.

Outros participantes são António Quintino no contrabaixo e Sofia Vitória na voz, esta tanto no convencional canto como em apontamentos de *spoken word*. Também eles contribuem, e muito, para o interesse especial deste projeto e para a atitude que o concretizou. Uma atitude muito afirmativa e “estamos aqui” que começa, finalmente, a espalhar-se pelo jazz feito em Portugal. Depois de muitos anos de uma música envergonhada e humilde, por mais bem interpretada que fosse, parece ser esta característica que tem elevado algum do nosso jazz a níveis internacionais. *Geyser* foi lançado pela portuguesa Sintoma, mas caberia em qualquer bom catálogo europeu ou americano.

«Há, de facto, uma alteração de postura, trazida por músicos jovens que procuram fazer algo de distinto e fresco. No meu caso tentei simplesmente fazer

o que me ia na alma. *Geyser* resulta de muitas influências, sejam sensações, vivências e impressões suscitadas pela natureza ou pela arte. O que está no disco espelha muito o meu lado emocional e pouco o racional. Para mim, não faria sentido que fosse de outra maneira», corrobora Joel. O próprio nome indica o estado de espírito e o propósito desta empreitada: «Esse fenómeno hidrogeológico sempre me fascinou. A minha música precisava de ver a luz do dia. Era uma necessidade que eu tinha, pois as ideias não paravam de ferver na minha cabeça, e daí essa perspetiva de erupção. Além disso, os *geysers* são abundantes nas paisagens que me inspiraram para o disco. Os elementos Água e Terra são fundamentais na minha música.»

Trata-se, assumidamente, de um jazz europeu, com características absorvidas daquele que vem dos países escandinavos e que se encontra em etiquetas como a ECM, a Rune Grammofon ou a Hubro. «Atrai-me nele a exploração tímbrica, a melancolia, o jazz que não é jazz, a sinceridade. Gosto de Bobo Stenson, Christian Wallumrød, Maria Kannegaard, Arve Henriksen, Lars Danielsson, Anders Jormin, Helge Norbakken e acho que isso está patente. Até no modo como trabalho com contrastes, se bem que apenas aprecie os contrastes que não se distanciam estilisticamente. Para mim tem de haver um sentido natural e orgânico para o contraste. Por enquanto, não sei dizer se esta é uma opção estética», esclarece.

Há-de chegar esse momento. Para já, houve portas que *Geyser* abriu e é

preciso ver o que está do outro lado. «Serviu para experimentar e já sei que valeu a pena. O *feedback* tem sido bastante positivo. Deu-me mais força para continuar em frente», comenta Joel Silva.

Rui Eduardo Paes
Crítico de música, ensaísta,
editor da revista *online jazz.pt*

Joel Silva

bateria

Natural de Leiria (1982). Começou por tocar em bandas de Rock. Em 1997, iniciou os seus estudos musicais na EMOL (Escola de Música do Orfeão de Leiria) onde estudou Percussão com Rui Gomes e Manuel Campos. Mais tarde começou a interessar-se por Jazz e frequentou *workshops* com Bruno Pedroso, Alexandre Frazão, Carlos Barretto, Marc Miralta, Mark Ferber, Daniel Freedman, Mark Turner, Peter Erskine, John Riley, Dan Weiss, Donald Edwards, Ari Hoenig e Billy Hart. Em 2008 licenciou-se no Curso de Jazz da ESMAE (Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo) onde estudou bateria com Michael Lauren. Tem vindo a tocar com vários músicos, incluindo Carlos Barretto, Maria João, Nuno Ferreira, Nelson Cascais, Bob Sands, Big Band HCP, Paulo de Carvalho, Matt Penman, Francesco Bearzatti, Júlio Resende, Kristin Korb, João Paulo Esteves da Silva, Paula Oliveira, Will Vinson, Afonso Pais, Dave Ambrosio, Baptiste Trotignon, Bernardo Moreira, Franck Amsallem, Jon Irabagon, Marc Demuth, Perico Sambeat, João Moreira, Ole Morten Vågan, Mário Delgado, Luiz Avellar, Massimo Cavalli, Bruno Santos e Desidério Lázaro, entre outros. Desde 2004 tem estado presente em vários festivais de jazz, nomeadamente Festival de Jazz da Alta Estremadura, Lagoa Jazz Festival, Festival de Artes de Macau, Festival Jazz Valado dos Frades, Universijazz Valladolid, Festival Jazz & Wine of Peace Collio, Clean Feed Fest,

Seixal Jazz, Angra Jazz, Jazz em Agosto – em países como Portugal, Holanda, Itália, Grécia, Angola, Macau, Espanha e EUA. Atualmente leciona as disciplinas de Combo e Instrumento nas escolas JB Jazz e Hot Clube de Portugal.

João Moreira

trompete

João Moreira nasceu em Lisboa em 1970 e toca trompete desde os 10 anos de idade. Estudou em Nova Iorque, na prestigiada New School for Social Research, onde obteve o grau de Bachelor of Fine Arts, em janeiro de 1999, e onde trabalhou como Teaching Assistant das disciplinas de Análise Rítmica e Formação Auditiva. Tem também a frequência do 2.º ano do curso de Física Teórica na Faculdade de Ciências de Lisboa, e fez o Lycée Français Charles LePierre (em Lisboa), onde obteve o Baccalauréat C, em 1988.

Iniciou a sua atividade de docente em 1989, dando aulas de Trompete, Teoria, Formação Auditiva e Música de Conjunto na escola de jazz do Hot Clube de Portugal. Foi coordenador pedagógico da escola do Hot Clube, assim como do curso de jazz que, por protocolo assinado em 1999, o Hot Clube ministrou no Conservatório de Música da Madeira, no Funchal, até 2007. Foi professor de Formação Auditiva e de Introdução ao Improviso na Licenciatura em Música do Instituto Piaget, no campus universitário de Almada. Foi também professor de Trompete na Licenciatura em Jazz, na ESMAE, no Porto. É atualmente

Professor na Escola Superior de Música de Lisboa, lecionando Teoria, Análise, Formação Auditiva, Música de Conjunto, Piano Complementar e Trompete, e onde acumula a coordenação da Variante Jazz da Licenciatura com a área de especialização Jazz do Mestrado em Música. Foi também subdiretor da ESML.

Durante a sua estadia em Nova Iorque trabalhou como trompetista ao lado de músicos como Joe Chambers, Wallace Roney, Mulgrew Miller, Buster Williams, Jimmy Owens, Michael-Phillip Mossman e John Pattituci, tendo atuado em clubes de renome como o Blue Note, Smalls e Zinno's. Integrou ainda as *big bands* dirigidas pelo trompetista Charles Tolliver e pelo percussionista cubano Bobby Sanabria.

João Moreira conta com uma experiência de largos anos, tendo tocado virtualmente em todos os festivais de jazz do país assim como festivais no estrangeiro (Estados Unidos, Holanda, Alemanha, França, Suíça, Espanha, Itália, Polónia e Noruega, entre outros). Atuou com diversos músicos portugueses (como Carlos Barretto, Carlos Bica, João Paulo Esteves da Silva, Mário Laginha, Maria João, e seus irmãos Pedro e Bernardo Moreira) e estrangeiros (Ben Monder, Matt Pavolka, Sheila Jordan, Chris Cheek, Mark Turner, John Ellis, Rick Margitza, Bruce Barth, Phil Markowitz, Sylvia Cuenca, Lynn Arriale, Robert Sadin, Tom Harrel, Tim Hagans, Ira Coleman e Troy Davis). Integrou a Orquestra residente do Festival de Jazz de Guimarães, onde teve a oportunidade de trabalhar com

músicos como Markus Stockhausen, Julian Argüelles, Martin France, Nguyen Lê, Carles Benavente e sob a direção de Kenny Wheeler, Gianluigi Trovesi, Bob Mintzer, Maria Schneider, Gil Goldstein e Michael Gibbs.

Colaborou com formações como o Coro e a Orquestra Gulbenkian, Orquestra Sinfónica Portuguesa ou a Banda Sinfónica da GNR. Tocou com o cantor/compositor brasileiro Ivan Lins e com a dupla Airto Moreira/Flora Purim. Colaborou com artistas da área do fado como Camané, Cristina Branco ou ainda Paulo de Carvalho.

Toca atualmente com o cantor António Zambujo e integra os projetos de Nuno Costa, Joel Silva e Luís Figueiredo, entre outros.

João Paulo Esteves da Silva

piano

Nasceu em Lisboa em 1961 de mãe pianista e pai filósofo. Em 1979 participou no Festival de Jazz de Cascais com o grupo Quinto Crescente. Em 1984 completa o Curso Superior de Piano do Conservatório Nacional e parte para França, mantendo-se no exílio até 1992. Em 1993 grava o seu primeiro disco em nome próprio, *Serra sem Fim*, para a editora Farol.

Em 1996 conhece o produtor Todd Garfinkle, da editora MA recordings, com quem inicia uma longa colaboração, documentada em seis discos, e que dura até 2001. Neste ano, instigado por Carlos Bica, grava um primeiro solo de piano, *Roda*, para a editora francesa L'Empreinte Digitale. Em 2003 começa

a gravar para a editora Cleanfeed. O seu último disco, *Scapegrace*, em duo com Dennis Gonzalez, foi galardoado com o prémio Autores da SPA para o Melhor Disco 2009.

Ao longo dos anos são inúmeras as colaborações, em concertos e discos, com músicos nacionais e estrangeiros. De destacar particularmente os trabalhos com Ricardo Rocha, Carlos Bica, Cláudio Puntin, Jean-Luc Fillon, Peter Epstein, Ricardo Dias, Dennis Gonzalez no campo da música instrumental; e também as parcerias com cantores e cantoras, Vitorino, Sérgio Godinho, Filipa Pais, Ana Brandão, Maria Ana Bobone e Cristina Branco, entre outros.

Tem vindo a trabalhar cada vez mais noutras áreas como a poesia – publicando dois livros e colaborando em revistas, de papel e online – o teatro, enquanto tradutor e músico – Beckett, Ibsen, Strindberg, Brecht, Stoppard – e a interessar-se por aproximações e diálogos entre a música e outras artes, tendo assinado trabalhos conjuntos com o fotógrafo José Luís Neto e composto, por exemplo, a banda sonora do filme *Sem Nome*, de Gonçalo Waddington.

Desde 2009 que leciona na licenciatura em Jazz da ESML.

António Quintino contrabaixo

Nascido em 1988, António Quintino foi criado numa família bastante musical, apesar de não ter na mesma músicos profissionais. Aprendeu a tocar guitarra e acordeão que tocava de vez em quando com o pai.

Em 2004, Quintino começou a tocar baixo elétrico no Escola JB Jazz, em Lisboa, com os professores Gustavo Roriz e Francesco Valente. No ano seguinte decidiu assumir o contrabaixo e estudou com Yuri Daniel, Nuno Alan e Demian Cabaud.

Mais tarde, ingressou na Escola Superior de Música de Lisboa (ESML), onde estudou com músicos como Pedro Moreira, Nelson Cascais, Afonso Pais e Bernardo Moreira, onde também teve oportunidade de assistir a *masterclasses* de mestres como John Taylor, Lee Konitz, Dan Weiss e Ohad Talmor. António Quintino representou a ESML em várias ocasiões, especialmente na Festa do Jazz do S. Luiz, onde foi premiado com o Prémio de Melhor Instrumentista em 2011. Durante a sua formação académica passou um período de tempo no estrangeiro, primeiro no Conservatório Superior de Música e Dança de Paris, tendo o privilégio de trabalhar com músicos como Fred Hersch, Billy Hart, Larry Grenadier, Anders Jormin, Riccardo Del Fra e Dre Pallemmaerts, e mais tarde, em Nova Iorque, onde teve aulas particulares com Matt Penman, Joe Martin, Ian Froming e Ben Street.

Ao longo dos anos tem participado em diversos *workshops* e *masterclasses*, tocando e aprendendo com músicos como Danilo Perez, Ben Street, Mulgrew Miller, Steve Nelson, Adam Cruz, Antonio Hart, Ulysses Owens, Rodney Green e Kengo Nakamura, entre outros.

Em setembro de 2011, juntamente com os colegas de trio Daniel Bernardes

e Pedro Felgar, António Quintino foi premiado com o 2.º Prémio *exaequo* no Prémio Jovens Músicos na Casa da Música, no Porto. No dia 8 de outubro do mesmo ano viu a sua primeira peça para *big band* *Tout n'est pas blanc et noir* ser tocada pela Orquestra do Hot Clube de Portugal, no Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian, com os solistas convidados Susana Santos Silva e João Mortágua, dirigida por Pedro Moreira.

Além de seu próprio projeto em curso (com seu disco de estreia a caminho), António Quintino faz parte atualmente dos projetos LA New Mainstream (com o trombonista alemão Lars Arens), Joel Silva Quarteto, Afonso Pais Trio, Paula Sousa Quarteto, Daniel Bernardes Trio, Gonçalo Pratas e Inês Pupo “Canta o Galo Gordo” (música infantil), Amélia Muge e Michales Lukovikas (música luso-grega), Pedro Esteves, Janita Salomé, a fadista Cristiana Águas, José Salgueiro, José Peixoto, Joana Rios e a Orquestra de Jazz Hot Clube de Portugal.

Também teve oportunidade de trabalhar com José Mário Branco, Maria João, Scott Reeves, Dan Weiss, Ohad Talmor, Mário Laginha, John Ellis, João Paulo Esteves da Silva, André Santos, Gianni Gagliardi, Manuel Paulo, Nancy Vieira, Christian Pabst, Franck Amsallem, Afonso Pais, João Moreira, Desidério Lázaro, Luís Figueiredo, Luís Madureira e Fernando Alvim, entre outros, em vários países como Espanha, França, Bélgica e EUA.

Próximo espetáculo

Driss El Maloumi

Makan



Música Sex 13 de março

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h15 · M6

“Driss el Maloumi é um desses músicos miraculosos cuja escuta, por nos tornar melhores, se torna rapidamente indispensável.” *Les Inrockuptibles*, março 2014
“(…) um verdadeiro mestre, que combina uma técnica irrepreensível com uma enorme criatividade.” Bill Badley, *Songlines Magazine*, março 2014

Próximo espetáculo “Isto é Jazz?”

Michael Formanek’s Cheating Heart

Ciclo “Isto é Jazz?”

Comissário: Pedro Costa



Jazz Qui 19 de março

Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h · M6

“Michael Formanek já provou que pode ser tudo: baixista, compositor, improvisador, líder, colaborador, professor e primeiro recurso para sideman de muitos dos mais conceituados e criativos músicos de jazz.” Dave Lynch, *All Music Guide*

Mais informações em www.culturgest.pt

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Estagiários:

Mariana Frazão

Pedro Escada

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt